

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

MARISETE GODOI DE JESUS

COMUNICAÇÃO E O ENSINO APRENDIZAGEM DO SURDO

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

MARISETE GODOI DE JESUS



A COMUNICAÇÃO E O ENSINO APRENDIZAGEM DO SURDO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Medianeira, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeiro.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Flóida Moura Rocha Carlesso Batista

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

A COMUNICAÇÃO E O ENSINO APRENDIZAGEM DO SURDO

Por

Marisete Godoi de Jesus

Esta monografia foi apresentada às. 20:30.... h do dia....15.... **de...agosto..... de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Foz do Iguaçu-PR...., Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado

Profª. Msc. Flóida Moura Rocha Carlesso Batista
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Me. Neron Alipio Cortes Berghauser...
UTFPR – Câmpus Medianeira

Profª. Ma. Marilete Terezinha de Marco...
UTFPR – Câmpus Medianeira

O termo de aprovação assinado, encontra-se na coordenação de curso.

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades. A minha amiga Cristiane Witcel Santos que contribuiu diretamente para a iniciação e a conclusão neste trabalho apostando e acreditando em mim, esteve comigo em todos os momentos, fazendo acreditar em mim. Aonde só ela acreditava, e acreditou tanto que hoje estou aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me fortalecido ao ponto de superar as dificuldades e também por toda saúde que me deu e que permitiu alcançar esta etapa tão importante da minha vida.

A minha orientadora professora Msc. Flóida Moura Rocha Carlesso Batista, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Campus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

A família minhas irmãs Marlene Godoi e Margarete Godoi que me deram carona e poso até o local para realizar os vídeos conferências, me apoiando para que eu nunca desistisse.

Aos meus amigos que disse várias vezes não para uma cervejinha, e mesmo assim ofereceu amor, compreensão eu deixo uma palavra e uma promessa de gratidão eterna.

A todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte do meu percurso eu agradeço com todo meu coração.

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino”. (LEONARDO DA VINCI)

RESUMO

JESUS, Marisete Godoi comunicação e o ensino aprendizagem do surdo. 2018. 28. Monografia (Especialização em Educação: Técnicas e Método de Ensino). Universidade Tecnológica do Paraná, Medianeira, 2018.

Surdez é um distúrbio que pode acometer pessoas de todas as idades, por diversos motivos. Os diferentes tipos de deficiências auditivas acontecem de acordo com o grau de dificuldades de audição, sendo que, a deficiência pode ser tratada e diagnosticada a tempo, se procurada ajuda logo após perceber alguma dificuldade nos aspectos auditivos. Com o passar dos anos mudou-se a forma de ver e tratar os surdos, entretanto, ainda existe muitas dificuldades. Tentando auxiliar nessa dificuldade, tem-se existe o intérprete, que tem como papel, auxiliar os professores interpretando, para os deficientes auditivos, as informações repassadas pelo educado para isso algumas ferramentas podem ser utilizadas como, por exemplo, a Língua brasileira de sinais. Este estudo teve como objetivo estudar os surdos, os intérpretes e as dificuldades encontradas pelos mesmos, as ferramentas que podem ser utilizadas pelo intérprete na comunicação com o surdo, e o papel da escola na relação intérprete e aluno surdo e foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, mediante leituras, análise de artigos, revistas pedagógicas, trabalhos de conclusão de curso, documentos do governo federal e sites. Com esta pesquisa observou-se que é de extrema importância o papel do intérprete no processo de ensino e de aprendizagem do indivíduo deficiente auditivo, pois, é através do o intérprete que o possibilita ao deficiente auditivo, terá um maior acesso e uma melhor compressão do mundo em que vive e das informações que o rodeiam.

Palavra chave: Surdos; Intérprete; Comunicação.

ABSTRACT

JESUS, Marisete Godoi Of. Communication and teaching learning of the deaf. 2018. 28. Monograph (Specialization in Education: Teaching Method sand Techniques). Technological University of Paraná, Medianeira, 2018.

Deafness is a disorder that can affect people of all ages for a variety of reasons. The different types of hearing impairment occur according to the degree of hearing difficulties, and the deficiency can be treated and diagnosed in time if help is sought soon after perceiving some difficulty in the auditory aspects. As the years have passed, the way of seeing and treating the deaf has changed, however, there are still many difficulties. Trying to help in this difficulty is the interpreter whose role is to help teachers interpret information for the hearing impaired by the educator, so some tools can be used, such as the Brazilian Sign Language. This study aimed to study the deaf, the interpreters and the difficulties encountered by them, the tools that can be used by the interpreter in the communication with the deaf, and the role of the school in the relation between interpreter and deaf student and was developed through research bibliographical, through, readings, article analysis, pedagogical journals, course completion papers, federal government documents and websites. With this research it was observed that the role of the interpreter interlarding processor fthe hearing paired individual is extremely important, because it is through the interpreter that the hearing impaired will have greater access and better compression of the world in which he lives and surrounding them.

Keywords: Deaf people; Interpreters; Communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gestos manuais e expressões faciais.....	16
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 A EDUCAÇÃO DO SURDO.....	13
2.2 A COMUNICAÇÕES E O ENSINO-APRENDIZAGEM DO SURDO.....	14
2.2.1 Conhecendo os surdos.....	14
2.2.2 A língua de sinais e a língua portuguesa como segunda língua para os surdos.....	18
2.2.3 Papéis do intérprete no processo de ensino e aprendizagem.....	18
2.2.4 Outras tecnologias.....	19
2.2.5 Papeis da escola e da família na inclusão dos surdos.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Os surdos, por norma são utilizador de uma comunicação espaço visual, como principal meio de conhecer o mundo sobre substituição a audição e a fala e pode ter ainda uma cultura e uma característica. As comunidades surdas como espaços de partilha linguística e cultural: A surdez pode acontecer tanto na gestação, como por algum acidente que faça a pessoa perder parte da audição, sendo que algumas deficiências são reversíveis. A surdez pode ser tratada e diagnosticada a tempo se for procurado ajuda para descobrir o nível em que ela se encontra, logo após perceber alguma dificuldade ou diferença em alguns aspectos auditivos.

Ao passar dos anos foram mudando a forma de se ver e se tratar as pessoas surdas, com os estudos e especializações as pessoas começaram a ver o surdo com outros olhos e conhecendo suas características e forma de comunicação com a sociedade, entretanto, ainda existem muitas dificuldades para ser incorporada na sociedade.

Entender e conhecer os processos de inclusão de alunos surdos em uma comunidade ouvinte depende de uma formação bilíngue dos professores, logo, é primordial investir nessa formação do professor em contexto de sala, aonde os sujeitos envolvidos são, na maioria, ouvintes.

“Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) Os diferentes tipos de deficiências auditivas acontecem de acordo com o grau de dificuldades de audição, sendo que através do aumento da dificuldade na audição é possível detectar qual o nível de surdez. cultura surda” (MAGNANI, 2007, p. 3). Ao passar dos anos foram mudando a forma de se ver e se tratar as pessoas surdas, com os estudos e especializações as pessoas começaram a ver o surdo com outros olhos e conhecendo suas características e forma de comunicação com a sociedade, entretanto, ainda existem muitas dificuldades para ser incorporada na sociedade.

No processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos, a atuação do intérprete é imprescindível, pois é ele que fará as primeiras ligações de comunicação entre um surdo em um, porém, os intérpretes precisam ter um domínio total da Língua de Sinais (MENDES *ET al.*, 2015).

A profissão do intérprete só foi regulamentada em 1º de setembro de 2010 com a Lei nº 12.319 que estabelece formação para atuação na área pelo exame de proficiência (BRASIL, 2010).

Para auxiliar no processo de ensino aprendizagem, alunos com necessidades especiais precisam de intérpretes que sejam realmente capacitados que atuem com dedicação, compromisso e respeito com os deficientes auditivos, para auxiliar no seu papel algumas ferramentas podem ser utilizadas como, por exemplo, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e também outras tecnologias (BARBOSA, 2014).

Em sala de aula, muitas vezes, o intérprete é confundido com o professor e os próprios alunos que possuem a deficiência auditiva acabam direcionando suas dúvidas dos conteúdos escolares e não com o professor. O intérprete nunca pode esquecer que ele não é o professor e sim o mediador entre o aluno e o professor. Sua função é interpretar de uma dada língua de sinais para outro idioma, ou deste outro idioma para uma determina língua de sinais. O [intérprete de Libras](#) é o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função. Ele deve ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação, além de possuir formação específica na área de sua atuação, o intérprete deve dominar a Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Ele também pode dominar outras línguas, como o inglês, o espanhol, a língua de sinais americana e fazer a interpretação para a língua brasileira de sinais ou vice-versa (por exemplo, conferências internacionais).Portal Educação.

Uma dificuldade encontrada pelos profissionais interprete é fato de algumas escolas contratarem docentes com pequena formação especializada na área de Educação especial, com participação mínima em um minicurso na área (BARBOSA, 2014).

A presente pesquisa justifica-se pela dificuldade do intérprete em se comunicar de forma adequada sem interferir no papel do professor no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo.

Assim, a presente investigação tem como objetivo estudar os surdos, os intérpretes e as dificuldades encontradas pelos mesmos, as ferramentas que podem ser utilizadas pelo intérprete na comunicação com o surdo, e o papel da escola na relação intérprete e aluno su

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO DO SURDO

A educação do surdo é uma questão muito discutida, pois se trata de pessoas que necessitam de uma comunicação especial.

Antigamente os deficientes auditivos eram totalmente excluídos da sociedade e não tinham nenhum acesso à educação. Somente os surdos de origem burguesa recebiam algum tipo de educação formal para auxílio na aquisição da fala. Já nos dias de hoje, houve uma grande evolução, porém, ainda há preconceito com o indivíduo surdo e isso se deve à falta de conhecimento sobre o mesmo (DA SILVA, *et al.*, 2016).

A surdez é uma deficiência e por causa dessa deficiência, o surdo depende de um canal diferente dos ouvintes para se expressar. Os surdos utilizam as mãos para se comunicar, através de gestos. É por meio das mãos e de uma complexa expressão corporal captada pelos olhos, que os surdos se comunicam, cujas expressões são formalizadas pela Libras – Língua Brasileira de Sinais (DA SILVA; SILVA, 2016). Na escola, o contato dos surdos com a Libras, dependerá de uma pessoa fluente na língua. Ser fluente é estabelecer os referentes, isto, personagens e objetos, em pontos no espaço de sinalização, ou espaço neutro.

A Libras é uma forma de comunicação. Segundo a Lei Federal Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, em seu artigo, a Libras é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados (BRASIL, 2002). É por meio da Língua de Sinais que os surdos se comunicam com o mundo ao seu redor.

Já segundo Sim-Sim *et al.* (2008, p.11), “na vida da criança, comunicação, linguagem e conhecimento são três pilares de desenvolvimento simultâneo, com um pendor eminentemente social e interativo.”

Portanto, é por meio da comunicação que o ser humano inicia o processo de ensino-aprendizagem e, para o surdo não é diferente.

Vygotsky (2007), afirma que o desenvolvimento cognitivo e a socialização da criança estão relacionados, diretamente, à aquisição da linguagem. Na perspectiva

histórico-cultural da educação, postulada por Vygotsky, a criança vai dominando os instrumentos mentais produzidos pelo homem no decorrer da história, de maneira gradativa, a partir da convivência em sociedade e das interações com os adultos que a cercam. Para Saraiva e Martins (2012), aprendizagem é a formação de novas conexões entre os neurônios. Estas conexões são causadas tanto por fatores genéticos como por informações que chegam ao cérebro através do meio ambiente, como imagens, sons e cheiros.

2.2 A COMUNICAÇÃO E O ENSINO APRENDIZAGEM DO SURDO

2.2.1 Conhecendo os surdos

Segundo De Oliveira (2017), ser surdo para os ouvintes significa apenas não poder ouvir, entretanto, ser surdo é conhecer o mundo através da visão. Em 2010, último gráfico publicado, estimou-se que a deficiência auditiva atingiria 9,7 milhões de brasileiros. Em 2013 (5,1% da população brasileira de 2010), sendo deste total 344,2 mil com surdes total, 2,1 milhões com deficiência auditiva severa e 1,7 milhões com grande dificuldade para ouvir. Em relação à idade, cerca de 1 milhão de deficientes auditivos eram crianças e jovens até 19 anos. O censo ainda revelou que o maior número de pessoas com deficiência auditiva (cerca de 6,7 milhões) se apresentava concentrado nas áreas urbanas e que o nordeste é a região com maior concentração de pessoas com deficiência auditiva (1,2% das pessoas disseram ter deficiência auditiva severa), sendo o sul e centro-oeste as regiões com menor incidência (1,2% dos entrevistados também disseram ter deficiência auditiva severa) (IBGE, 2010).

Em pesquisas realizadas pela Associação Brasileira de Otologia (AOB, 2017) verificou-se que o número de pessoas com deficiência auditiva no Brasil poderá crescer, pois, as deficiências auditivas reversíveis se constadas até Seis meses de idade, são constadas a partir de quatro anos, idade considerada tardia pelos médicos. Outro motivo é que cerca de 20% das crianças com idade pré-escolar, em 2010, possuíam algum grau de deficiência auditiva não identificada. O (AOB) ainda afirma que cerca de 20% a 20% da população no país tem zumbido,

destes, apenas 15% procuram ajuda médica e a entidade também aponta que cerca de 30% a 35% das perdas de audição ocorrem devido à exposição a sons intensos, sejam eles em ambientes profissionais ou em lazer.

Por um longo período de tempo, as comunidades surdas se mantiveram em silêncio, tiveram sua identidade mascarada, porém, com o passar dos anos, os próprios surdos se viram obrigados a ir à luta e começaram a formar as chamadas “comunidades surdas”. As comunidades surdas são agrupamentos de pessoas com alguma deficiência auditiva que se organizam em prol de seus direitos (SANTOS 2009).

Segundo Strobel (2009), as principais comunidades surdas no Brasil são: Associações de Surdos, onde os surdos que se reúnem possuem interesses em comuns, realizam assembleias em prol à causa dos surdos; Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS), entidade sem fins lucrativos com finalidade sociocultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira (é filiada à Federação Mundial dos Surdos); Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos (CBDS). Esta confederação organiza e regulamenta muitas práticas de várias modalidades de esportes de povo surdos, também promove competições entre as associações de surdos e outros; Federação Estaduais Esportivas de Surdos promove intercâmbios de esportes dentre as várias associações de surdos do Estado; Associações de pais e amigos de surdos; Associações de intérpretes de Libras; Escolas de surdos e Representantes religiosas (pastorais de surdos, grupos de jovens, etc.).

A educação dos surdos nos últimos anos teve uma grande evolução, entretanto, ainda existem dificuldades a serem vencidas e um longo caminho a ser percorrido (DA SILVA *et al.*, 2016).

Dentre as principais dificuldades na aprendizagem dos surdos no Brasil e no mundo está a aceitação de si própria de alguns indivíduos surdos, ou seja, o surdo se vê inserido em uma sociedade majoritariamente ouvinte, que considera a deficiência auditiva como um objeto de pena, de discriminação, fazendo com que o próprio deficiente auditivo tenha dificuldade de sua própria aceitação (DA SILVA *et al.*, 2016).

Considerando que a Língua de Sinais é a língua que os surdos utilizam para a sua comunicação, conforme a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e o Decreto no. 5626 de 22 de dezembro de 2005, que reconhece o direito dos surdos a uma

educação bilíngue (Libras - Língua 1 e Língua Portuguesa escrita – Língua 2), notamos a importância do profissional intérprete de Libras para a garantia a comunicação entre surdos e ouvintes e ainda, para que se possibilite o processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos.

Nesse sentido, é necessário que os intérpretes de libras sejam realmente capacitados que atuem com dedicação, compromisso e respeito com os deficientes auditivos (BARBOSA, 2014)

No passado, a língua de sinais não era reconhecida como língua, pois não havia comprovação de sua estrutura linguística. Apenas pela Lei nº 10.436, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão (BRASIL, 2002; DA SILVA, *et al.*, 2016).

Segundo Da Silva e Silva (2016), a Língua de sinais é a língua dos surdos e é fundamental para o seu desenvolvimento possui como características a ausência de sonoridade, a utilização do espaço, gestos manuais e expressões faciais, como mostrados na figura 2.

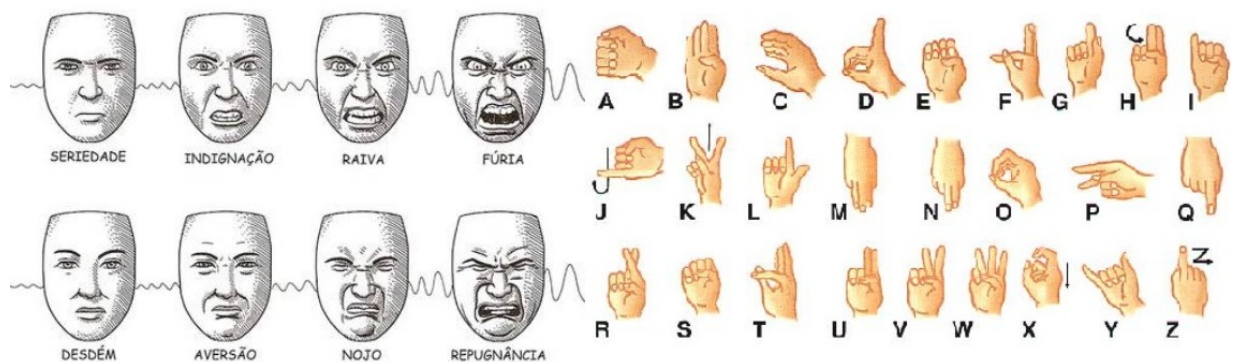


Figura 1: Gestos manuais e expressões faciais em Libras

Fonte: Educador, 2018; libras o idioma que se vê 2018.

A Língua de Sinais é a língua natural da comunidade surda, com regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias, possibilita o desenvolvimento cognitivo da pessoa surda, ou seja, é um sistema de comunicação desenvolvida pela comunidade surda, na qual os sinais são formados a partir da combinação de gestos com as mãos com determinado formato num determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo e expressões faciais (MENDES *et al.*, 2015). Segundo Quadros (1997, p. 64 *apud* BASSANI; SBARDELOTTO, 2007, p.

2), “assim como as línguas faladas às línguas de sinais não são universais: cada país apresenta a sua própria língua, no caso do Brasil, tem se a Libras”.

O ensino de Libras é um caminho necessário para que ocorra uma mudança nas condições de ensino oferecidas pela escola aos alunos com surdez. Diferente dos ouvintes, a maioria das crianças surdas entra na escola sem o conhecimento da língua, sendo assim, é importante que o ensino de Libras seja incluído nas séries iniciais do ensino fundamental para que o surdo possa adquirir uma língua e, posteriormente receber informações escolares em Língua de sinais (BASSANI; SBARDELOTTO, 2007).

Mahl e Ribas (2015) citam que para que o ensino de Libras seja eficiente juntamente com o ensino regular, é necessário que o surdo tenha um acompanhamento extraclasse, paralelo ao ofertado na sala de aula regular, em que o aluno não é matriculado em uma sala de ensino comum e recebe apoio educacional complementar em horário do contra turno escolar, em centros de atendimento especializados.

De acordo com GOLDFELD (2002) e SACKS (1989), os primeiros educadores de surdos surgiram na Europa, no século XVI, criando diferentes metodologias de ensino. Já no Brasil, o primeiro órgão a desenvolver trabalhos com surdos e mudos surgiu em 1857. Foi do então Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que saíram os principais divulgadores da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ação comunicativa e de convivência social, no entanto, os espaços de aprendizagem da mesma ainda são bastante restritos aos sujeitos surdos, geralmente, devido à falsa prerrogativa de que estes têm dificuldades em sua aprendizagem.

Ao desenvolver práticas de ensino da Língua Portuguesa baseadas exclusivamente em ouvintes, na maioria das vezes, é desconsiderado que esses adquirem o português falado de forma natural e que a modalidade escrita, com particularidades, é a representação gráfica da modalidade oral-auditiva da Língua Portuguesa. No caso dos surdos, eles, ao entrarem em contato com o português escrito, na maioria das vezes, não são familiarizados com a modalidade oral da segunda língua.

2.2.2 A Língua de Sinais e a Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos.

No Brasil com a publicação da Lei de Libras (2002), o direito que o surdo tem acesso a uma língua que seria sua língua natural como primeira língua, ponto de partida para qualquer outra aprendizagem. (Libras é a abreviação utilizada para designar a Língua de Sinais do Brasil. Educar em Revista, 2014)

A língua é de fundamental importância para o ser humano, pois é a partir dela que o indivíduo pode se socializar com o seu par, tendo a libras língua de sinais como sua primeira língua e a língua portuguesa como sua a segunda, na modalidade escrita.

Portanto, os alunos surdos passam a ter direito a um aprendizado bilíngue, ou seja, são usuários da Língua de Sinais e devem aprender a modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua. O conhecimento de mundo e de língua constituído na língua de sinais dá a base para o aprendizado da Língua Portuguesa pelos alunos surdos. (CARVALHO; DOS SANTOS, 2014)

2.2.3 Papéis do intérprete no processo de ensino e aprendizagem

O intérprete de Libras surgiu com a necessidade da comunidade surda de possuir um mediador no processo de comunicação com os ouvintes em todos os locais onde os mesmos frequentam, como apresentado na figura 1. Além de dominar a Libras, o intérprete também precisa dominar a língua do país, conhecer processos, estratégias, técnicas de interpretação e tradução e possuir formação específica na área de atuação (GONÇALVES; FESTA, 2013).

No processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos, a atuação do intérprete é imprescindível, pois é ele que fará as primeiras ligações de comunicação entre um surdo em um ouvinte (colegas, professores e servidores da instituição de ensino), porém, os intérpretes precisam ter um domínio total da Língua de Sinais, entretanto, esse fator não é o único importante para que o intérprete cumpra seu papel de forma eficaz (MENDES et al., 2015). Em sala de aula, muitas vezes, o intérprete é confundido com o professor e os próprios alunos surdos acabam direcionando suas dúvidas dos conteúdos escolares ao intérprete e não com o

professor. O intérprete nunca pode esquecer que ele não é o professor e sim o mediador entre o aluno e o professor, ou seja, os intérpretes devem ter a plena convicção do papel dos mesmos. Intérpretes são intérpretes e não professores, sendo assim, os intérpretes e os professores precisam trabalhar em conjunto, para que os surdos consigam entender as informações que o são ensinadas pelo professor e interpretadas pelo intérprete (BARBOSA, 2014).

Uma dificuldade encontrada pelos profissionais intérpretes é fato de algumas escolas contratarem docentes com pequena formação especializada na área de Educação especial, com participação mínima em um minicurso na área. (BARBOSA, 2014).

2.2.4 Outras tecnologias

Na rotina escolar o intérprete pode utilizar como apoio algumas ferramentas para mediar à comunicação como: cartazes, gravuras, projetores, televisores, entre outros, além de ter o apoio de profissionais como psicólogos e fonoaudiólogos (BARBOSA, 2014).

Para a escolha da tecnologia adequada na Educação e comunicação dos surdos é necessário conhecer o(s) indivíduo(s), o ambiente, a proposta pedagógica, as ferramentas e as tecnologias disponíveis (VAZ, 2012).

A metodologia apropriada para a criança com surdez no seu processo educacional é a criação de um ambiente bilíngue realizado por um profissional formado em Libras, além do professor, para atender essa criança dentro das salas de aula. Nesse sentido, o Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua brasileira de sinais e diz:

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. Garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização; Com este profissional presente no ambiente escolar é esperado que se faça a utilização da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa num contínuo processo dia a dia para que a criança surda atendida possa receber todos os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares transmitido por diversos professores que venham atender à

criança. Esse atendimento deverá ser feito dia a dia acompanhando a criança durante o processo de ensino a cada aula. Esse profissional deverá apoiar-se além de sua experiência em Libras, de muitas imagens visuais de todo tipo de referência que venha colaborar para o aprendizado dos conteúdos curriculares em estudo na sala de aula com a criança atendida.

As pessoas surdas têm o total direito e acesso a comunicação, informação em todas as etapas nos processos seletivos e modalidades da educação, desde da educação infantil até o ensino superior.

2.2.5 Papéis da escola e da família na inclusão dos surdos

A escola deve se preparar para atender os alunos surdos, enquanto a família deve ser parceira para que a inclusão seja efetivada. Compete aos profissionais da escola, em conjunto com a comunidade, demonstrar que a escola tem competência para atender às necessidades de todos os estudantes. Para persuadi-los, retórica não basta; há que se apresentarem propostas e resultados concretos que garantam o acesso, a permanência e o sucesso dos alunos com necessidades educacionais especiais nas salas e escolas comuns da rede regular de ensino (BARBOSA, ROSINI; PEREIRA, 2007).

Barbosa (2014) cita a eficiência na aprendizagem de deficientes auditivos em salas multifuncionais com diferentes recursos visuais que estimulam os mesmos e salienta a importância da escola tratar com igualdade os alunos ouvintes e os surdos sempre respeitando suas limitações.

Em relação a família, a escola precisa deixar sempre as portas abertas para atender os familiares tanto dos ouvintes quanto dos deficientes auditivos, os familiares precisam se sentir motivados a participarem da escola, das reuniões e dos projetos sendo um meio de auxiliar na aprendizagem dos alunos (BARBOSA, 2014). É indiscutível a importância da família no desenvolvimento de crianças/adolescentes. A família é o núcleo social básico da sociedade, e as relações estabelecidas vão dependerem das relações interpessoais de seus integrantes. Nas ações educacionais, as experiências da vida familiar estão sempre presentes, podendo auxiliar ou dificultar o processo de desenvolvimento dos alunos. O que a pessoa é depende de como são estabelecidas às relações familiares, as quais sempre estarão refletidas no decorrer de sua vida. O reconhecimento da

importância da família para o processo educacional se explicita em vários artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96), que estabelecem a incumbência das instituições de ensino e de seus docentes se articularem com as famílias, visando integrá-las à escola, e auxiliarem a fortalecer os vínculos familiares.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20.12.1996, estabelece, em seu Art. 2º, que A Educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Nesse sentido, faz-se necessário que a família compreenda que a comunicação com sua criança surda é fator primordial para o equilíbrio e harmonia do contexto familiar e o alicerce para o desenvolvimento global do indivíduo (BRASIL, 2006).

Vale salientar que a criança com necessidades especiais somente terá um desenvolvimento saudável a partir do compromisso de seus pais de também se desenvolverem, isto é, de assumirem postura e atitude que conduzam também o “crescer” com a criança. Os pais sentir-se-ão obrigados a adaptar-se à condição do filho especial, entretanto é igualmente importante que seja dado à criança oportunidade de também se adaptarem a eles (BRASIL - MEC, 2006).

Ainda segundo Brasil - MEC (2004) os pais ouvintes devem procurar aprender a língua de sinais e, ao mesmo tempo devem facilitar a comunicação com seu filho surdo no intuito de gerar equilíbrio que satisfaça as necessidades de todos. (Brasil escola)

Nessa proposta, a família deve tratar a criança surda não como o centro das atenções, mas como parte da família e em parceria com a comunidade escolar fazer com que a criança sinta prazer em interagir com outros tendo algo a aprender e também a ensinar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho pauta-se numa pesquisa bibliográfica, mediante leituras, análise de artigos, revistas pedagógicas, trabalhos de conclusão de curso, documentos do governo federal e sites, no sentido de obter informações que auxiliem na compreensão do tema e na solução do problema proposto.

A pesquisa apresenta-se dividida em quatro capítulos assim constituídos:

O Capítulo 1 apresenta o assunto conhecendo os surdos.

O Capítulo 2 aborda o papel do intérprete no processo de ensino e aprendizagem do surdo.

O Capítulo 3 verifica as ferramentas que podem auxiliar no papel do intérprete.

O Capítulo 4 apresenta o papel da escola na relação intérprete e surdo.

Por fim, tece as considerações finais sobre o estudo proposto e ideias para trabalhos futuros, onde se verificou a grande importância do papel do intérprete na vida do indivíduo que possui deficiência auditiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Surdez é um distúrbio que pode acontecer em pessoas de todas as idades, e pode ocorrer por diversos motivos, mas que pode ser tratada e diagnosticada a tempo se for procurado ajuda para descobrir o nível em que ela se encontra, logo após perceber alguma dificuldade ou diferença em alguns aspectos auditivos.

Surdez é uma deficiência e por causa dessa deficiência, o surdo depende de um canal diferente dos ouvintes para se expressa, Libras é uma forma de comunicação a ser utilizada.

No processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos, a atuação do intérprete é imprescindível, pois é ele que fará as primeiras ligações de comunicação entre um surdo em um ouvinte, e esses profissionais precisam ser realmente capacitados que atuem com dedicação, compromisso e respeito com os deficientes auditivos.

Pessoas com deficiência auditiva necessitam de sinais visuais junto aos sinais sonoros, por isso, os profissionais interpretem necessitam de ferramentas que auxiliem no seu trabalho, uma ferramenta muito utilizada é a Libras (Língua Brasileira de Sinais).

Em relação ao papel da escola e da família nesse processo, a escola deve se preparar para atender os alunos surdos, enquanto a família deve ser parceira para que a inclusão seja efetivada. Para entender a diferença entre deficiente auditivo, surdo e Surdo, devemos levar em consideração o contexto social e cultural.

Deficiente auditivo e surdo diz respeito às pessoas que não conseguem identificar os sons do mesmo modo que uma pessoa ouvinte, e essa dificuldade podem ser classificadas em diversos graus.

Já a diferença entre deficiente auditivo e Surdo é que o grupo dos Surdos se encontra satisfeito com sua surdez, e se identifica com seu grupo, usando sua própria língua. Já as pessoas que se identificam como deficientes auditivos fazem todo o possível para se adaptar e viver no "mundo da audição" (Brasil Escola 2013)

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. J. G.; ROSINI, D. C. e PEREIRA, A. A. **Atitudes parentais em relação à educação inclusiva**. Revista brasileira de educação especial, Vol.13, Nº 3, 2007.
- BARBOSA, Niedja Gabriela Leite Cardoso. **A inclusão que ainda excluí**. Guarabira – PE, Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, 2014.
- BASSANI, Cristiane; SBARDELOTTO, Dilaine Aparecida. **A importância do ensino de libras na educação fundamental**. São Miguel do Iguazu – PR, Uniguazu – FAESI, 2007.
- BRASIL – MEC. **Educação infantil – saberes e práticas da inclusão – dificuldades de comunicação e sinalização surdez**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>. Acessado em: 23 de janeiro de 2017. 2006.
- BRASIL. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Sancionado pelo Presidente da república no ato Luiz Inácio Lula da Silva, 2005.
- BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Sancionado pelo Presidente da república no ato Fernando Henrique Cardoso, 2002.
- BRASIL. **Lei Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Sancionado pelo Presidente da república no ato Luiz Inácio Lula da Silva, 2010.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Sancionado pelo Presidente da república no ato, Fernando Henrique Cardoso, 1996.
- DA SILVA, Carine Mendes; SILVA, Danieli Nunes Henrique. **Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola?**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Vol. 20, Nº 1, 2016.
- DA SILVA, Fabiana José; CZANOSKI, Lilian Cristina Tissi; DANTAS, Mariana Nascimento Rico; DAVID, Mônica Cristiane. **A inclusão que exclui: a realidade dos alunos surdos da rede regular de ensino**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades: Ensaios pedagógicos, 2016.
- DE OLIVEIRA, Maria A. Amin. **O que significa ser surdo? Conhecendo um pouco o que significa ser surdo através de discussão do filme “Seu nome é Jonas”**. Editora Araras Online. Disponível em: <http://www.editora-ararazul.com.br/revista/relato.php>. Acessado em: 20 de janeiro de 2017.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal. **Metodologia do professor no ensino de alunos surdos**. Ensaio Pedagógico, Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010_defic. Acessado em: 20 de janeiro de 2017.

MAHL, Eliane; RIBAS, Valdemir Aguiar. **Avaliação escolar para alunos surdos: entendimentos dos professores sobre este processo**. Londrina – PR, VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2013.

MENDES, Ana Quelle Silva; FIGUEREDO, Fernanda; RIBEIRO, Antônio Carlos. **Inclusão de alunos surdos na escola regular: aspectos linguísticos e pedagógicos**. Cairu – BA, Revista de Iniciação Científica – RIC, Vol. 2, Nº 2, 2015.

QUADROS, Ronice Muller de. **Aquisição de Linguagem por crianças Surdas (Série Atualidades Pedagógicas)**. Secretaria de Educação Especial, Brasília - DF, 1997. p 2.

SANTOS, Elias Souza dos. **Comunidade surda: a questão das suas identidades**. Salvador – BA, EDUFBA – Scielo Books, 2009.

SARAIVA, Diego Camargo; MARTINS, Naura. **A música como instrumento essencial para aprendizagem**. Revista Ensiqlopédia, Vol. 9, Nº 1, 2012.

SBO – Sociedade Brasileira de Otologia. Disponível em: <http://www.sbotologia.org.br/conteudo/noticias>. Acessado em: 20 de janeiro de 2017.
SIM-SIM, Inês; SILVA, Ana Cristina; NUNES, Clarisse. **Linguagem e comunicação no jardim de infância – textos de apoio para educadores de infância**. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/linguagem_comunicacao_jardim_infancia.pdf. Acessado em: 23 de janeiro de 2017. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular Lisboa - Portugal, 2008. p. 11.

SIQUEIRA, Franciely Gomes dos Santos; DE OLIVEIRA, Adil Antônio Alves. **A relação aluno surdo e o professor na sala de recursos em uma escola pública de Sinop – MT**. Revista Eventos Pedagógicos vol.4, nº 1, 2013.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis – SC, Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância.

VAZ, Vagner Machado. **O uso da tecnologia na educação do surdo na escola regular**. Trabalho de Conclusão de Curso de Tecnologia em Processamento de Dados, 2012.